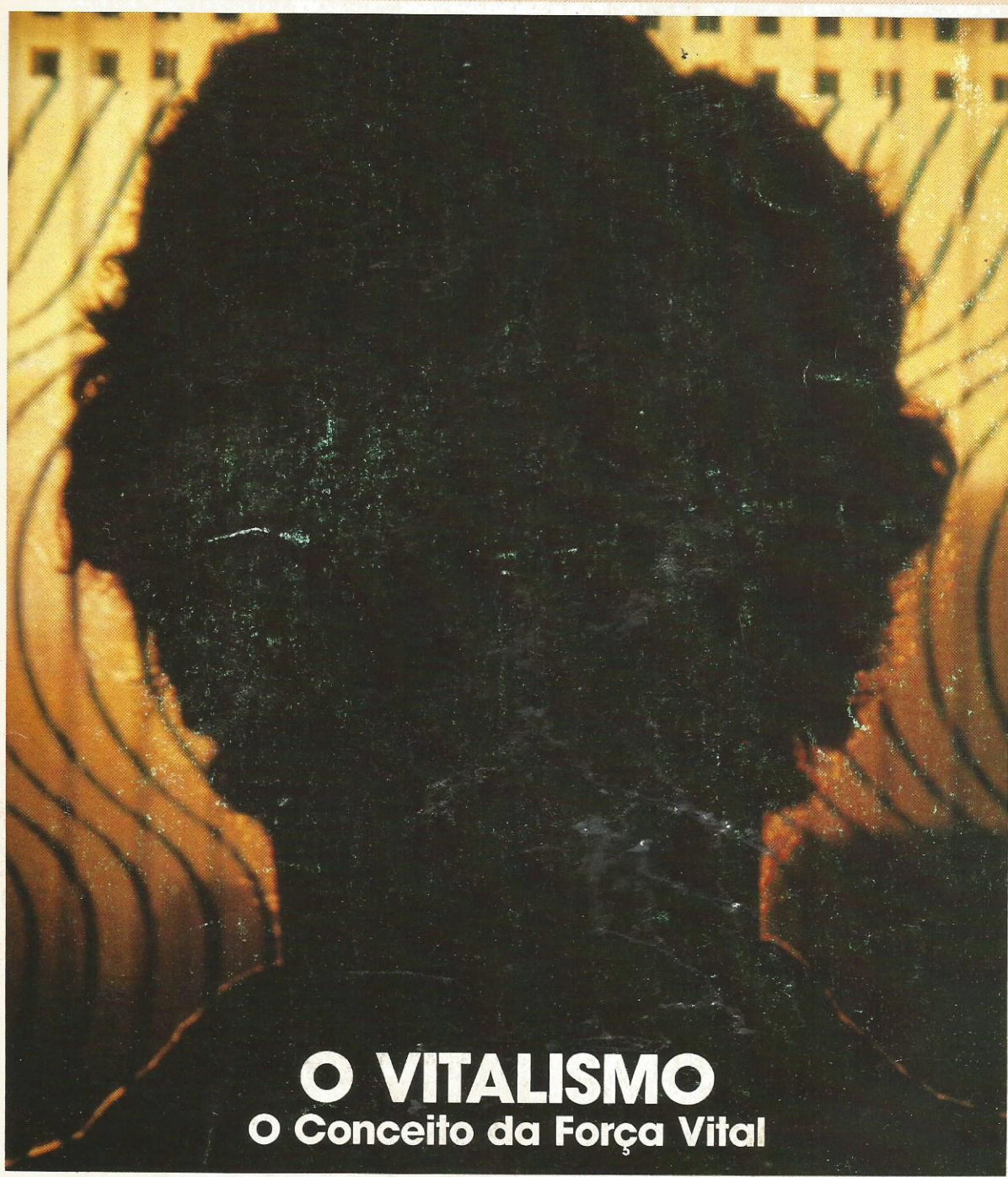


similia

Revista de Homeopatia n.º 61 - Verão 84

Custo do exemplar
Cr\$ 4.000



O VITALISMO
O Conceito da Força Vital

similia similia

Fundador:

David Castro

Jornalista responsável:

Rafic Ayoub

(reg. M.T. 11.692)

Conselho editorial:

Louisa Melkonian Djehdian,

Vagner Dofá Barnabé, Sylvio

Antonio Mollo

Editor-chefe:

Rafic Ayoub

Redação:

Hassan Ayoub

Produção gráfica e ilustrações:

Mário Gagliardi, Luiz Carlos de

Mello, Lucimara de Carvalho

Secretário:

Milton Eid

Fotolito e impressão:

Laborgraf

**Similia é uma publicação do
Grupo de Estudos Homeopáticos
"Benoit Mure", rua Tucuna, 994,
Pompéia, fone: 62-5232, CEP:**

Colaborou neste número:
Grupo de Estudos Homeopáticos
de São Paulo "Benoit Mure"
e Luiz Carlos Fernandes

Ao Leitor

"CARTA AO LEITOR"

Penso, logo existo. Encontrando inspiração na palavra do filósofo, *Similia* vai buscar para o seu último número do ano, época tão propícia a balanços de toda ordem, uma proposta de reflexão. Compreendendo que, se o tumulto dos dias impele muito mais ao existir que ao pensar, cabe oportunamente, o estancar de um momento para se deter na leitura sobre "O Vitalismo", suporte filosófico da Homeopatia.

Rever conceitos pode desencadear importantes reconsiderações de atitudes e modo de pensar. Não é fatal mas é possível! Credo nisso, *Similia* propõe revisitar algumas colocações de Hahnemann que, pelos escritos sobre o *Vitalismo* ou pela descrição de sua personalidade — "Um Retrato de Hahnemann" reporta com sabedoria à compreensão da natureza humana no exercício da prática médica.

A percepção do Homem-unidade, composta do imaterial-força vital — e de seu instrumento de manifestação — o organismo físico, define uma dimensão mais ampla do humano que rompe os limites da Homeopatia. O sentir e o agir, que na visão hahnemaniana comporiam a harmonia ímpar e individualista do ser, interagindo em seu meio, seriam não só um referencial para o médico como também para o próprio homem e, certamente, saberíamos muito mais a respeito de nós mesmos se nos dispuséssemos a pensar mais sobre nossas reações e sentimentos.

Assim, pais ansiosos que se identificarem com o tema de "Meu Filho Vive Resfriado", entendendo a doença como um sinal de que o organismo, saudavelmente, é capaz de reagir à hostilidade sofrida em seu equilíbrio vital, talvez se sintam mais seguros e percebam aquele episódio de resfriado como um elemento constituinte de todo o desenvolvimento da criança.

Da mesma forma, podem ser surpreendentes algumas revelações sobre a "Aquisição da Linguagem: um momento do desenvolvimento infantil", porque simplesmente não nos damos conta de que existe como que um desencadear quase mágico na determinação dos processos de crescimento do ser humano.

Enfim, *Similia*, na solução desse 84, pretende consagrar o pensar, pois às vezes, o homem, esquecido ou perplexo diante do que não entende, na verdade desconhece o que é, deseja ou tem.

UM RETRATO DE HAHNEMANN



Fotografia rara do dr. Samuel Hahnemann tirada por volta de 1840, atualmente encontrada na Faculdade de Homeopatia do Royal London Homoeopathic Hospital.

Dentre os muitos retratos pintados em prosa e verso por tantos quantos conheceram e foram arrebataados pela personalidade de Hahnemann, o de Ernest Legouvé merece nossa atenção e admiração dada sua forma simples, clara e sincera com que nos apresenta o 'velho Hahnemann' e sua jovem esposa Melanie.

Samuel Hahnemann é um dos grandes inovadores do século XIX. Começou por volta de 1835 uma revolução médica que ainda perdura. Eu não discuto o sistema, eu constato o fato.

Um acaso que não saberei jamais bendizer o bastante, me pois em contato com ele, na época em que sua reputação se transformava em glória: tato com ele, na época em que sua formaram entre nós, ajudará a tornar conhecido este homem extraordinário e superior.

Minha filha com 4 anos de idade estava moribunda; nosso médico, que era da Santa Casa, o Dr. R., havia declarado pela manhã a um dos nossos amigos, que ela estava irremediavelmente perdida. Sua mãe e eu a velávamos, talvez pela última vez, à beira de seu berço; Shoelder e Gaubaux velavam-na conosco, e no quarto achava-se também um jovem vestido a rigor, que nós havíamos conhecido três horas antes, um dos alunos mais distintos de Ingres; Amaury Duval.

Havíamos desejado conservar pelo menos uma lembrança da querida creaturinha que nós já chorávamos, e Amaury pressionado por Shoelder que havia ido buscá-lo em meio a uma festa, consentirá em vir fazer o retrato tão doloroso... o caro e encantador artista, algumas horas mais tarde nos prestaria o maior serviço que jamais havíamos recebido, e que iríamos dever-lhe bem mais que o retrato de nossa filha — sua vida.

... De manhã o retrato estava pronto; golpeado de emoção, ele tinha feito uma obra-prima. No momento de nos deixar, entre nossos agradecimentos e enternecimentos, ele nos diz de repente: — "Mas desde que seu médico declarou sua criança perdida, por que vocês não procuram esta medicina nova que começa a fazer tanto baru-

lho em Paris; por que não ir procurar Hahnemann?". — "Ele tem razão, grita Gaubaux, Hahnemann é meu vizinho. Ele mora na rua Milão em frente ao meu Instituto. Eu não o conheço; mas não importa. Eu vou e o trarei". Lá chegando, encontra 20 pessoas na sala de espera. A atendente lhe explica que ele deve esperar sua vez. "Esperar?! grita Gaubaux, a filha de meu amigo está morrendo! É preciso que o doutor venha comigo".

... E sem esperar resposta foi direto à porta da sala do Dr., e abriu-a interrompendo uma consulta: "Dr., ele disse a Hahnemann, o que eu fiz contraria todas as regras, mas é preciso que o senhor deixe tudo e venha comigo! Trata-se de uma encantadora menina de 4 anos que morre se o sr. não vier. O sr. não pode deixá-la morrer...". ... uma hora depois, Hahnemann e sua mulher chegaram com ele ao quarto de nossa doente.

Em meio a todas as perturbações de minha pobre cabeça obscurecida de dor e insônia, eu acreditei ver entrar um personagem dos contos fantásticos de Hoffmann. De talhe pequeno, mas robusto e de passo seguro, ele entra envolto numa pelissa forada de pele, apoiado numa bengala grossa de castão de ouro. Ele tinha perto de 80 anos, uma cabeça admirável, cabelos brancos e sedosos puxados para trás e cuidadosamente cacheados em volta de seu pescoço; os olhos de um azul profundo com um círculo quase branco em torno da pupila; a boca imperiosa, o lábio inferior avançado; um nariz de águia. Ao entrar, foi direto ao berço, lança um olhar penetrante sobre a criança, e pede os detalhes

sobre e doença sem nunca parar de olhá-la. Depois suas faces se avermelharam, as veias de sua fronte entumesceram, e ele grita, com um acento de cólera: "Joguem pela janela todos esses remédios, todas essas garrafinhas que estou vendo! Tirem este berço deste quarto! Troquem os lençóis, os travesseiros e lhe dêem para beber toda a água que ela queira. Eles lhe puseram um braseiro no corpo, agora é preciso extender o fogo. Veremos depois".

Nós lhe observamos que esta mudança de temperatura e de roupa poderia ser perigosa. "O que é mortal para ela, replicou com impaciência, é esta atmosfera e estes remédios. Transportem-na para a sala, eu voltarei esta tarde. E sobretudo água, água, água!".

Ele voltou naquela tarde e no dia seguinte, começando com seus medicamentos, contentando-se em dizer a cada vez: "Mais um dia ganho". No 10.º dia, o perigo voltou repentinamente. O frio atingiu os joelhos. Ele chegou às 8 horas da noite e ficou um quarto de hora junto ao leito, como um homem preso de grande ansiedade. Enfim, depois de consultar sua mulher que o acompanhava sempre, nos deu um medicamento e disse: "Façam com que ela tome isto e observem bem se daqui a uma hora o pulso torna a subir". As 11 horas eu segurava o braço dela, quando de repente me pareceu sentir uma ligeira modificação nos batimentos; chamei minha mulher, Gaubaux e Shoelder. E eínos tatando o braço, um após outro, consultando relógio, contando as pulsações, não ousando afirmar, não ousando nos rejubilar, até que ao cabo de alguns minutos nos abraçamos os quatro; o pulso havia subido. Cerca da meia-noite entra no quarto Chretien Utron. Ele veio até mim e com um tom de profunda convicção me diz: "Meu querido Sr. Legouvé, sua filha está salva". — "Ela está um pouco melhor, lhe respondi perturbado, mas daí à cura...?!". — "Eu lhe digo que ela está salva".

Oito dias depois a doente entrava em convalescença. Esta cura foi um acontecimento em Paris, quase uma espécie de escândalo! Meu nome não era o de um desconhecido; acreditava-se em milagre, ressurreição. Todo o



Marie Melanie d'Hervilly Gohier

corpo médico entrou em violenta irri-
tação; o pobre Dr. R. foi posto a
parte pelos seus colegas; discussões
as mais violentas explodiram no mun-
do e na faculdade. Um médico disse
em voz bem alta na sala de M. Djou-
vy: "Eu lamento muito que esta me-
nina não esteja morta!". A maior par-
te repetia: "Não foi o charlatão que
a curou, foi a natureza, ele não fez
senão herdar do tratamento alopáti-
co". Ao que respondia e respondo
ainda: "Que me importa que ele te-
nha sido a causa ou a ocasião? Que
me importa que ela tenha sido salva
pelas suas ou por outras mãos? Ela
estava perdida quando ele entrou em
minha casa? Sim. Ela estava curada
quando ele saiu? Sim. Não tenho ne-
cessidade de saber mais nada para ter
por ele um eterno reconhecimento.
Minha infidelidade a sua doutrina não
me torna infiel à sua memória, e ele
permanece para mim como uma das
mais poderosas naturezas que jamais
encontrei".

A maneira mesma, pela qual ele
concebeu sua doutrina, o pinta num
traço. De sua parte foi cálculo, inte-
resse, desejo de fama, concepção pu-
ramente científica? Não! Foi do seu
coração que saiu o seu sistema. Médi-
co de primeira ordem à testa de uma
das mais ricas clientelas da Alema-
nha, um dia... lançou-se à busca de
uma Medicina nova e construiu peça
por peça este sistema médico... A
estrutura forte de seu rosto, suas man-
díbulas quadradas, a palpação quase
contínua de suas narinas, o fremir dos
cantos da boca curvados pela idade,
tudo nele respirava convicção, paixão,
autoridade. Sua linguagem era tão ori-
ginal quanto sua pessoa. "Por que, eu
lhe disse um dia, o senhor descreve o

uso permanente de água, mesmo com
saúde? Para que servem, quando se
está saudável, as muletas do vinho?"
Foi ainda de sua boca, que eu ouvi
estas palavras estranhas (se as toma-
mos em sentido absoluto), mas tão pro-
fundas para quem as entende: "Não
há doenças, há doentes." Sua fé reli-
giosa, não era menos viva que sua fé
médica. Eu tive disto duas provas im-
pressionantes. Um dia de primavera,
cheguei em sua casa e lhe disse: "Oh!
Sr. Hahnemann, como o tempo hoje
está bonito!" — "O tempo está sem-
pre bonito", ele respondeu-me, com
uma voz grave e calma. Como Marco
Aurélio, ele vivia dentro de uma ha-
rmonia geral. Minha filha curada,
mostrei-lhe o belo desenho de Amaury
Duval; ele contempla longamente
e com emoção esta figura que lhe lem-
brava sua pequena necessitada, tal
como a havia visto da primeira vez,
quando ela estava tão perto da morte;
depois, me pede uma caneta e escre-
ve em baixo: "DEUS A ABENÇOOU
E A SALVOU".

Ele não se via senão como um mi-
nistro que subscrevia as ordens de
seu mestre.

Seu retrato seria incompleto se eu
não juntasse a ele o de sua mulher
(Marie Melanie d'Hervilly Gohier). Ela
não o deixava jamais. Em seu gabi-
nete de trabalho, assentava-se perto
de sua mesa, junto a uma pequena ou-
tra mesa, onde trabalhava como ele e
para ele. Assistia a todas as consultas,
fosse qual fosse o sexo do cliente ou
o assunto da conversa. Escrevia todas
as indicações da doença, dava sua
opinião de Hahnemann e preparava os
medicamentos. Se, por exceção, ele fa-
zia qualquer visita domiciliar, ela o
acompanhava sempre. O fato singular,
é que Hahnemann era o terceiro velho
ilustre ao qual ela se ligou por sorte.

Começou pela pintura, depois pas-
sou à literatura e terminou pela Me-
dicina. Aos 25 ou 30 anos, Mlle
d'Hervilly, bonita, grande, elegante,
com seu rosto fresco, emoldurado por

cachos louros, pequenos olhos azuis
(mais penetrantes que os olhos ne-
gros), tornou-se companheira de um
célebre aluno de David, Mr. L. Des-
posando o pintor, desposou sua pin-
tura e teria podido assinar mais de
uma de suas telas, como assinaría
mais tarde as receitas de Hahnemann.
Mr. L. morto, ela se volta para a
poesia, representada por um poeta de
70 anos, pois quanto mais ela cami-
nhava, mais gostava de velhos. Era
Mr. A.; então se lança a pequenos
versos com o mesmo ardor com que
se havia lançado aos grandes quadros
da história. Estando A. morto por sua
vez, ... ela desposou Hahnemann,
que tinha 80 anos, e tornou-se tão re-
volucionária na Medicina quanto havia
sido clássica em literatura ou pintura.

Um dia em que me queixei perto
dela da infidelidade de um empregado
que tivemos que despedir, ela disse:
"Por que não me disseram isto mais
cedo? Nós temos medicamentos para
isto". Juntamos a isso o fato de que
ela era de inteligência verdadeiramen-
te rara e de uma tocante habilidade
como enfermeira; ninguém como ela
inventava tantos meios de cuidar bem
de seus pobres pacientes. Seus cuida-
dos com Hahnemann eram admiráveis.

Ele morreu como devia morrer. Até
aos 80 anos, permaneceu a mais elo-
quente demonstração da bondade de
sua doutrina. Nenhuma enfermidade;
nenhuma falha da inteligência ou da
memória. Seu regime era simples mas
sem rigor afetado. Nunca bebia nem
água pura nem vinho puro. Algumas
colheradas de vinho de Champagne
numa garrafa d'água constituíam sua
única bebida e, como pão, comia to-
dos os dias um pequeno bolo. "Meus
velhos dentes, dizia ele, acham isto
mais tenro" Durante o verão, todas as
tardes em que fazia bom tempo, ele
voltava do Arco do Triunfo a pé, pa-
rando no Tortoni para beber um copo.
Uma manhã, ao acordar, ele se acha
menos bem que habitualmente. Ele se
prescreve um medicamento e diz a sua
mulher: "Se este remédio não der re-
sultado, isto será grave". Pela manhã
suas forças diminuíram e 24 horas de-
pois ele se estendia sem sofrimento,
recomendando a alma a Deus.

Sua morte causou-me um grande
pesar, e poucos homens me deram
uma idéia tão viva de um ser superior.

(Publicado em "Soixante ans de
Souvenirs" de Ernest Legouvé. 12.^a
parte. Paris, Etzel et Editeurs, 1887,
cap. X — S. Hahnemann).

“MEU FILHO VIVE RESFRIADO”



Esta é a afirmação mais freqüente em nossos consultórios, em especial em cidades como a nossa, poluída e de clima instável, particularmente no inverno.

Nariz escorrendo, tossinha que não passa, às vezes roncões e chiados no peito, dor de ouvido, dor de garganta, falta de apetite, febre e outras, são manifestações que afligem nossas crianças e são queixas freqüentes quando as mães trazem seus filhos à consulta homeopática pela primeira vez.

Aliás, o resfriado comum é a doença mais habitual no mundo inteiro. E recebemos tantos novos casos porque o tratamento na escola não homeopática geralmente é muito mal orientado. Os medicamentos são todos contra algum sintoma: se há febre, antitérmico; se há tosse, xarope; se há dor no corpo, analgésico; se há infecção ou dor de garganta, antibiótico. Não há tratamento voltado para o fortalecimento do “terreno”, isto é, que melhore a resistência do organismo, daí, cada nova onda de gripe, cada mudança de temperatura, cada sorvete, cada golpe de ar traz novamente o resfriado. Pois este tratamento que age contra o sintoma, não permite que o organismo crie resistência contra as futuras agressões, daí sua freqüente repetição.

O tratamento homeopático, no entanto, por respeitar as reações de defesa do organismo diante da agressão de um agente externo (micróbios, por exemplo) e pela reação que o medicamento homeopático desperta no organismo, visa justamente melhorar nossa resistência orgânica, ultimamente tão alquebrada por nossa condição de vida pouco natural (clima, poluição, habitação) por nossa alimentação tóxica e artificial, pelas circunstâncias emocionais estressantes especialmente nas cidades grandes (violência, desemprego, condição sócio-econômica etc.).

Neste artigo, referimo-nos àquelas crianças cujo resfriado não afeta os brônquios. As crianças com asma ou bronquite asmática, com ou sem resfriado, já foram objeto de artigo no *Similia* n.º 60.

Um pouco de informação homeopática

É freqüente a afirmação entre leigos e mesmo entre médicos não homeopatas menos informados, de que a Homeopatia é lenta. A experiência demonstra que a Homeopatia leva tanto tempo para agir quanto o organismo permite. Em outras palavras, cada organismo reage segundo um padrão próprio e em tempo mais curto ou mais longo, conforme suas condições. As crianças, geralmente menos “intoxicadas”, menos medicadas e cujas moléstias estão menos “enraizadas”, via de regra reagem melhor, isto é, mais rapidamente ao tratamento. Os adultos, geralmente portadores de doenças crônicas, freqüentemente demoram mais para responder ao tratamento e muitas vezes não são completamente curados.

As doenças agudas, segundo definição do próprio Hahnemann, são moléstias que tendem à cura (ou à morte nos casos graves) em tempo mais ou menos curto. As moléstias crônicas, oriundas da Psora, Syphillis e Syphillis, se não tratadas homeopaticamente, progredem a cada dia, aprofundando-se, tornando o tratamento cada vez mais demorado.

No assunto em pauta, os resfriados

que não saram, não são pois doenças agudas na acepção Hahnemanniana, já que se assim fosse tenderiam à cura espontaneamente. Trata-se de doença crônica cujas exacerbações agudas manifestam-se na forma de quadros agudos como resfriados, amigdalites, otites etc. Necessitam pois de tratamento homeopático, que aumentando a resistência orgânica, equilibrando a força vital alterada, diminui progressivamente a intensidade e a freqüência das crises agudas. Haverá então um novo equilíbrio, aquele que da melhor forma o organismo conseguir.

Os sintomas e seus significados

Vamos a seguir, enumerar os diversos sintomas explicando as diversas reações orgânica se seu significado

Febre: amiga ou inimiga?

A febre, manifestação das mais comuns no ser humano, aparece com freqüência em nossa publicação, pois é um dos sintomas que mais alarmam pais, avós e familiares. Essa ansiedade em relação à febre é amplamente justificada pois nas últimas décadas a propaganda farmacêutica sempre esteve voltada para os analgésicos e antitérmicos. Não somente a indústria farmacêutica mas, como também, os próprios médicos alimentaram o medo da febre, baseando-se nas possíveis convulsões febris. Felizmente em nossos dias, começou-se a reabilitar a febre; não é mais a inimiga número um mas sim aliada do organismo.

A presença da febre indica que existe algo alterado no organismo e que talvez exija tratamento. Indica que se deve tomar cuidados especiais, isto é, oferecer líquidos com freqüência à criança, *sem forçar*, deixá-la com roupas leves e em ambiente arejado (se não tiver calafrios ou frio). Não dê banho, não enrole em toalhas úmidas nem faça compressas de álcool ou qualquer outro método para baixar a febre. Tais medidas agem semelhantemente aos antitérmicos, fazendo a febre baixar temporariamente, sem agir na causa que a produz. Ora, se a febre representa a primeira defesa que o organismo lança mão quando de uma agressão externa, agir contra ela é um contra-senso!

É por isso que o médico homeopata nunca prescreve medicamentos para baixá-la, mas sim (evidentemente quando julgar necessário), medicamentos que se adaptem ao caso como um todo, e à medida que o organismo se restabeleça, que ele “vença a guerra contra os germes”, a febre diminui (*Veja Similia*, números anteriores).



Tosse

Também é queixa freqüente pois incomoda a criança e os adultos. Quando produtiva ("gorda"), é sempre benéfica pois visa eliminar o catarro. Não devemos pois administrar xaropes que diminui o reflexo da tosse. Devemos sim, ajudar a tosse no cumprimento de sua função, oferecendo líquidos com freqüência, mas sempre sem forçar, e mel às colheradas. A conduta homeopática, a exemplo do que já dissemos anteriormente, deverá ser a de medicar, se conveniente, o paciente em sua totalidade e a medida que organismo for entrando em equilíbrio os sintomas atenuar-se-ão e a tosse diminuirá.

Dores

As dores no corpo aparecem com freqüência nos resfriados e gripes, geralmente nas articulações e refletem, na maior parte das vezes, uma virose. Por serem fugazes não precisam comumente de medicação. Devemos fazer aquilo que o corpo nos pede: descanso. Estas manifestações de alarme, as dores de uma forma geral, não devem simplesmente ser eliminadas, pois o analgésico não atua na causa que a produz. Portanto, sem dor não sabemos como está a situação verdadeira do organismo, pois há um aparente alívio sem real melhora do quadro. Todas as medidas devem portanto, apenas suavizar sem interferir na evolução. Se o médico homeopata considerar conveniente medicar, não dará um "analgésico homeopático" mas sim, repetimos, aquele medicamento mais adequado à totalidade dos sintomas.

No decorrer do resfriado é comum a queixa de dor de cabeça, seja pela febre presente, seja pela congestão das mucosas, seja pela complicação com uma sinusite. Como qualquer outra dor não deve simplesmente ser eliminada.

Se existe dor de ouvido, especialmente em crianças, para proporcionar um certo alívio, podemos colocar compressas quentes (fraldinha aquecida a ferro ou uma pequena bolsa de água quente). Como o fundo da garganta, na faringe, se comunica com o ouvido é freqüente aparecer dor junto com o resfriado; a dor de garganta merecerá um artigo a parte, mas por ora podemos dizer que as amígdalas são órgãos de defesa do organismo e inflamam-se para prevenir um "mal maior". Só precisam ser extirpadas em raríssimos casos.

Coriza. Adenóides.

Uma das características do resfriado é a coriza que pode ser fluente ou não, aquosa ou mais grossa, amarelada, esverdeada, escoriante ou não, acompanhada ou não de obstrução nasal; pode vir também junto com lacrimejamento escoriante ou não; as diversas modalidades horárias — isto é, variação das características da coriza segundo o horário, temperatura e tempo — e outras são importantes, juntamente com todos os outros sintomas presentes, para individualizar o medicamento mais adequado, quando o



médico houver por bem medicar o episódio agudo.

Quanto às adenóides, famosas na década passada pelo grande número de cirurgias feitas para sua extração (a chamada "dobradinha", amígdalas e adenóides), são um aglomerado de tecido especial, conhecido como "vegetações adenóides", que se formam na parte superior da faringe, acima do céu da boca. Quando inflamados, aumentam de tamanho podendo provocar obstrução nasal; a criança passa a respirar pela boca, o que além de ser prejudicial pois o ar que chega aos pulmões não é aquecido nem filtrado (pelo nariz), é extremamente incômodo, especialmente para mamar, para dormir etc. A inflamação repetida tanto de amígdalas, como das adenóides, junto ou não com resfriado, merece tratamento homeopático, o mais precoce possível.

Com o resfriado pode ocorrer também, com ou sem dor de garganta, rouquidão, o que indica acometimento das cordas vocais. E repetimos mais uma vez, de nada adianta chupar pas-



tilhas que só trazem alívio temporário, agindo somente contra o sintoma molesto mas não contra a causa que o produz. Mesmo as pastilhas que contém antibióticos não são indicadas pois geralmente não contém a dosagem antibiótica necessária (naturalmente num tratamento alopático), só alterando as condições internas da mucosa, suprimindo sintomas sem permitir que o organismo realize suas defesas próprias, tornando-se fortalecido para futuros ataques. Não devemos nos esquecer que "são as próprias infecções que determinam a produção das substâncias protetoras denominadas anticorpos" (conforme observa Eduardo Marcondes — Prof. titular de Pediatria e Dir. do Inst. da Criança do Hosp. das Clínicas da Fac. de Medicina da USP — em seu livro "Meu filho vive resfriado", Almed, 1981). Isso sem comentar os numerosos efeitos colaterais.

Quanto às "gotas nasais" para desobstruir a passagem, sempre usados abundantemente, especialmente nas crianças, são medicamentos não pouco inócuos, podendo inclusive intoxicar a criança quando usados em demasia. A longo prazo alteram até o funcionamento (fisiologia) da mucosa. Queremos apenas alertar contra a mania de não permitir que o organismo se expresse, que não sofra nada. A cada conduta antinatural seja medicamentosa, alimentar ou de hábitos de vida, o organismo responde de alguma forma, conforme a predisposição individual, em um período variável.

Apetite. Humor.

São numerosas as manifestações das exacerbações agudas chamadas resfriados, mas para finalizar comentaremos as alterações de apetite e de humor. É freqüente durante o episódio agudo a perda de apetite ou então um desejo especial por certos alimentos como doces ou azedos ou salgados etc. Devemos respeitar, sempre que possível, estas alterações de apetite, oferecendo sempre em pequenas quantidades, a pequenos intervalos e sem forçar, alimentos leves como caldos, sopas, sucos, frutas etc. Já diz a propaganda: "para o resfriado, vitamina C e cama". Mas a vitamina C deve vir através dos alimentos pois só assim o organismo pode aproveitá-la integralmente. Lembremos que as pesquisas recentes demonstram que a vitamina C natural (dos alimentos) está ligada a fatores enzimáticos antiinfeciosos, que a sintética não possui.

Estas alterações de apetite são importantes para que o médico homeopata individualize o medicamento correto, quando convier medicar. Também são importantes as alterações da sede (aumentada ou diminuída, com ou sem febre, em pequenas ou grandes quantidades, com freqüência ou a largos intervalos), assim como as alterações na transpiração, na temperatura corpórea etc.

Quanto às alterações de humor, o alopata apenas as observa e registra, enquanto que o homeopata as utiliza para a individualização. Assim é que a criança pode se tornar mais choro-

na ou agressiva ou quietinha ou mais elétrica; ou ainda, a mãe percebe alterações no sono, que se torna mais agitado, interrompido, enfim alterado. Qualquer aparelho pode apresentar alterações na vigência de um resfriado, pois trata-se de uma manifestação de um desequilíbrio do organismo como um todo e não algo localizado apenas nas vias aéreas superiores.

Tratamento

O tratamento homeopático impõe-se como conduta básica, mas um tratamento profundo, com medicamentos anti-miasmáticos, isto é, que se enquadram aos sintomas miasmáticos predominantes. O quadro agudo, como repetimos inúmeras vezes, só deve ser medicado quando o médico homeopata achar conveniente ou quando sua intensidade for grande demais, trazendo sofrimento para o paciente.

Os episódios agudos, na vigência do tratamento homeopático correto, tem finalidade exonerativa e é por isso que repetimos tantas vezes que só devem ser medicados quando o homeopata julgar necessário. Mesmo com medicamentos homeopáticos, só se deve usar o mínimo possível e permitir que o organismo se reequilibre.

Como medidas gerais recomendamos o repouso, uso de roupas leves e adequadas à estação, ambiente arejado e que receba os raios do Sol, alimentação leve, oferecida com frequência mas sem forçar, líquidos à vontade, especialmente suco de frutas (uma fruta de cada vez), mel puro às colheradas ou misturado a qualquer líquido, como o leite por exemplo.

Antes de terminarmos, queremos fazer ainda alguns comentários sobre hábitos de vida, moradia, exercícios.

É evidente que qualquer doença, como o resfriado, envolve o fator predisposição: algumas crianças têm apenas resfriados nasais, outras com acometimento de brônquios, outras ainda só apresentam amigdalites (sem resfriado) e ainda outras nunca se resfriam mas têm problemas gastro-intestinais, enfim cada adulto, como cada criança, só apresenta manifestações que seu organismo permite, isto é, para as quais é predisposta.

No entanto, algumas crianças apresentam quadros piores por motivos não exclusivamente que lhe são próprios. Por exemplo, o clima poluído e instável de certas cidades, desencadeiam ou pioram (sempre em indivíduos predispostos) manifestações que talvez em outra região não apresentassem. É notório que algumas crianças, por exemplo, melhoram a beira mar, outras em locais montanhosos etc. Também é notório, e pediatras e sanitistas sabem, que nas estações do ano mais frias e mais úmidas aumenta o número de pacientes com gripe, resfriados e pneumonias. Outros fatores que podem influenciar a maior ou menor gravidade do quadro são a alimentação natural, integral e biológica (cultivos sem o uso de agrotóxicos) e me-

dicação individualizada e somente o estritamente necessário (aqui se inclui o uso das vacinas, que atualmente tem sido abusivo, indiscriminado e com finalidade duvidosa).

As condições familiares são evidentemente importantes, pois uma família harmoniosa tem condições de criar filhos mais equilibrados, pelo menos em hipótese. A criança doente sempre tem "quotas extras" de atenção e carinho, com algumas regalias adicionais que devem ser suspensas logo que a criança melhore. A casa deve ser arejada, ventilada, e que receba sol pelo menos uma parte do dia; se possível deve ter um bom quintal onde a criança possa correr, pular, exercitar seus pulmões. Se for apartamento, a situação fica um pouco mais difícil, mas valem as mesmas recomendações; deve haver um play ground ou pelo menos um jardim ou parque por perto onde se possa levar a criança diariamente.

São tantos os fatores que entram em jogo quando se refere à saúde, que é impossível esgotarmos o assunto.

Para finalizarmos, sugerimos alguns exercícios-brincadeiras que ativam a função pulmonar e que deve ser feito com as crianças sempre que possível, em ambiente arejado, sozinha ou em grupos, e em especial com aquelas que têm acometimento brônquico.

a) Soprar algodãozinho: brincadeira individual, ou melhor ainda, em grupo, semelhante ao voleibol onde a bola é substituída por um chumaço de algodão que deve ser soprado (com a boca) para que passe por cima da rede improvisada, para o campo adversário. Quando o algodão cair é ponto para o time contrário.

b) Assoprar cataventos, língua de sogra, encher balões.

c) Assoprar a chama de uma vela para fazer sombra na mesa. Quando jogam dois, ganha aquele que fizer a sombra mais comprida sem apagar a vela. Mas cuidado, é brincadeira recomendada para crianças maiores e devem ficar sob vigilância.

d) Fazer bolhas de sabão, assoprando uma argola de arame molhada em água com detergente. Deve-se assoprar as bolhinhas para que não caiam no chão.

e) Ginástica do super homem: respirar (pelo nariz) fundo até estufar o peito. Depois voltar o ar bem devagar (pela boca).

f) Brincar de músico: experimentar diversos instrumentos de sopro (gaitas, flautas, clarinetas, saxofones etc.).

g) Ginástica de circo: deitar no chão; colocar sobre o estômago um travesseiro pesado (areia ou pedregulho), respirar fundo com a barriga para levantá-lo.

h) Esportes: natação em especial, mas qualquer esporte é benéfico para ativar a circulação e a respiração. Lembremos aqui também o yoga.

Conheça a farmácia homeopática Bento Mure

- dinamizações hahnemannianas manuais
- preparo de bioterápicos e nosódios
- embalagens apropriadas
- farmacopéia brasileira e do Dr. Willmar Schwabe
- produtos naturais (alimentação e beleza)
- medicamentos nas escalas centesimais e 50 milésimas hahnemannianas

Medicamentos Homeopáticos e Produtos Naturais
Cereais e farinhas integrais, mel puro, pães, bolos, biscoitos,
geléias, ervas aromáticas, perfumaria e livros.
MATRIZ: R. Olavo Egydio, 379 - Santana - Tel. 267-9005

De 2.^a a 6.^a das 8:30 hs. às 19:30 hs. aos sábados, das
8:30 hs. às 17:30 hs.

FILIAL: De 2.^a a 6.^a das 8:30 hs. às 18:30 hs. aos sábados,
das 8:30 hs. às 17:30 hs.
Pça. Cel. Sandoval Figueiredo, 22 - Tatuapé - Tel. 295-3148

O VITALISMO

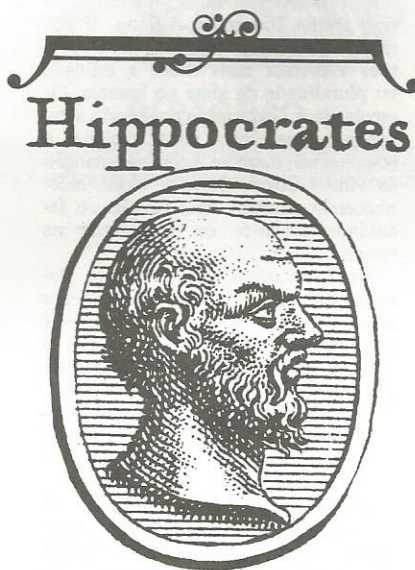
O conceito da Força Vital. Interpretação de Hahnemann e dos autores que o antecederam.

pelo Dr. Carlos A. Moura Ribeiro

Vitalismo é a doutrina que afirma a necessidade de um princípio, irredutível ao domínio físico-químico, para explicar os fenômenos vitais. Que princípio é esse? O que sabemos sobre sua natureza? Foi visto, medido, pesado, equacionado pela ciência experimental?

Até hoje, sabemos tanto quanto os mais antigos filósofos que se preocuparam com a origem, destino e funcionamento do organismo humano. Entretanto, reconhecemos, ele pode ser intuído, percebido e sentido por cada um de nós, médicos ou não, desde que se faça uma profunda e silenciosa auto-reflexão. Foi o que fizeram todas as grandes cabeças que criaram filosofias, enfeixando em conceitos variados a uniformidade da manifestação da vida. Vejamos num breve relance histórico como o Homem, que investiga a Verdade, construiu o antigo e extenso edifício do Vitalismo. *A Doutrina é fundamental para a Homeopatia; sem o conhecimento profundo da mesma é impossível a própria prática correta do hahnemannismo.* Só o conhecimento da Matéria Médica e da Lei dos Semelhantes, não podem levar o médico à correta aplicação desta. A Filosofia Vitalista é quase tão antiga quanto a Medicina. Ciência sem filosofia não se mantém; fragmenta-se e confunde seus conhecedores. É o grande drama da Medicina moderna, um colossal acúmulo de conhecimentos sobre ciências Médicas com um frágil ou mesmo inexistente liame de interligação entre os mesmos, o que equivale dizer, falta uma Filosofia Médica.

Em suas últimas horas de vida, no dia 1.º de julho de 1843, Hahnemann disse para sua esposa e seu médico assistente, o Dr. Croserius, entre outras coisas, que: "Eu fui neste mundo, nada mais que um simples instrumento como tantos outros. A doutrina homeopática não veio de mim, e a sua verdade não me é devida. Não quero que se pense em atribuir-me a sua paternidade. Se fosse uma descoberta minha, se esta lei — fazendo-a sair do nada — eu a tivesse criado, eu o saberia. Porém essa lei sobreviverá a mim porque é da natureza que traz a própria quintessência e porque vem de Deus. Outros antes de mim presentiram e expuseram a lei dos Semelhantes. Hipócrates foi o primei-



ro..." A humildade perante os fenômenos da vida, e o grande amor à Verdade, caracterizam Hahnemann até o fim de sua existência. Tal humildade apenas exalta hoje a figura ímpar do grande mestre, pois foi necessário que se escoassem vinte e três séculos mais ou menos, para que surgisse um gênio capaz de reviver todos os conhecimentos acumulados desde a mais remota antiguidade, codificá-los, enriquecê-los com um rigoroso método científico e uma clara filosofia, redundando na mais sólida doutrina médica, destes agora, vinte e quatro séculos de trabalho em prol do bem estar da humanidade.

As origens do Vitalismo

Onde situar a origem do Vitalismo? O mais antigo tratado de Medicina conhecido atualmente parece ser sem dúvida o *Nei King*, atribuído ao legendário imperador Hoang Ti, da dinastia Han, escrito há uns quinhentos anos antes de Cristo. O livro resume quase todos os pensamentos filosóficos da China antiga: confucionismo, escola cosmológica do Ying e do Yang, escola dos cinco elementos e escola taoista. Contem também preciosos conhecimentos de anatomia, fisiologia, patologia, higiene e tratamento pelas agulhas de acupuntura ou pelos medi-

camentos. Não é um livro de Metafísica, mas sim uma obra fruto da observação e da experimentação onde se somam as diversas correntes de pensamento da época, para fundar sua própria doutrina sobre a noção de *Energia Vital*. Na dinastia Han a dissecação dos cadáveres era permitida e o imperador Wang Mang autorizou a prática da mesma nos condenados a morte, após a execução. Estes médicos descreveram a forma dos órgãos internos e mencionaram seus pesos; notaram também a importante função das artérias, das veias e dos nervos, descrevendo seus trajetos pelo corpo inteiro. Chegaram também a descrever o trajeto da energia nos meridianos. O livro é um verdadeiro tratado sobre sintomatologia das doenças. Segundo *Nei King* a vida permanece enquanto a energia se integra ao organismo; quando esta deixa o corpo a vida chega ao seu fim. E mais, a perturbação das energias cósmicas e como conseqüência a perturbação da energia humana é a causa de todas as moléstias. A dualidade Ying-Yang é creadora. A união das duas energias cria uma unidade. Os maiores inimigos desta energia seriam: a intemperança, a surmenage, os desejos excessivos e as emoções fortes.

Deixando o longínquo e antigo oriente, a análise histórica do Vitalismo situa como o pensador mais antigo que deixou escrito à respeito, o próprio pai da Medicina, Hipócrates, nascido no ano de 460 a.C., na ilha de Cos. Em suas obras vamos encontrar a noção clara de um *duplo dinamismo*. Hipócrates admitia no homem e nos animais uma natureza que agia instintivamente, que fazia crescer e nutrir todas as coisas vivas; admitia um princípio de ação, que seria a alma, o qual atuaria através do cérebro, sobre todo o organismo. Hipócrates não separou a força vital da alma, como alguns analistas de sua obra afirmam. Ele dizia que a alma é um sopro (*pneuma*), um ar que vem de fora, uma espécie de éter universal expandido em toda a natureza, desempenhando as mais variadas funções. Ela é única quanto a sua essência, e diversa quanto aos modos segundo ela se manifesta. Penetrando de fora, no interior do homem, este éter, aí opera maravilhas da vida e do pensamento.



CONFÚCIUS

O cérebro recebe este ar em primeiro lugar, e o recebe mais puro que o resto do corpo; eis aí porque ele é a sede da inteligência. Assim vemos que para o pai da Medicina, a vida e a alma não são senão *um só e mesmo princípio*.

Platão em suas elegorias e imagens poéticas, admitia três almas para o homem: uma alma divina situada no cérebro, e duas almas mortais, uma habitando o tórax e outra, separada pelo diafragma, situada no abdômen. A parte mortal presidiria a todas as funções necessárias para manter vivo o corpo. Entretanto o próprio Platão explica que esta divisão em verdade seria para indicar as três funções principais de uma só alma, isto é, a razão, a emoção e a vida animal.

Aristóteles trata do que há de essencial e comum a todas as almas. O essencial seria o princípio de vida nos corpos naturais vivos. A alma é este princípio interno, que é a causa da vida. Todo aquele que possui uma alma é um ser vivo. Segundo o filósofo de Estagira, a alma é uma substância, mas como há três sortes de substâncias, a matéria, a forma e o composto, trata-se de saber de que natureza é a substância da alma. Por matéria, ele entende aquilo que em si não é determinado, que recebe os contrários e que não está senão em potência. A forma é aquilo que faz que um ser seja aquilo que ele é e não outro; ele é sua essência, está em ato e não em potência (estado, propriedade, virtude). Enfim, o composto é o corpo natural que resulta da combinação da forma e da matéria, é o próprio animal. A alma do homem não é o homem inteiro, também não é a matéria, que é indeterminada, que é a mesma em todos entre todos. Evidentemente, o corpo é a matéria, a forma é a alma. É na qualidade da forma que a alma é substância; a alma é pois uma substância formal. Ela é a essência, a causa, o fim; é o princípio interno da existência. Por esta união íntima, compreende-se como uma alteração se produzindo num estado de alma, também

se reflete no corpo e vice-versa.

Plotino da escola de Alexandria, ensinava que a vida, absolutamente distinta da matéria que ela "informa", é idêntica à alma; a alma tem por essência a vida e dá a vida ao corpo que anima. Ela possui a vida por si mesma.

Santo Agostinho diz que a alma que pensa é a mesma alma que anima o corpo, identificando-a com a vida. A alma é vivificante, é uma força que dá vida ao corpo. O corpo não é uma prisão da alma, mas um seu instrumento. Este grande filósofo atribue à alma as doenças do corpo.

Durante a Idade Média, o filósofo que maiores elocubrações e meditações fez sobre a alma, talvez tenha sido Santo Tomaz de Aquino. E durante esse longo período as discussões versaram mais sobre a unidade ou pluralidade da alma no homem. Os escolásticos acabavam concluindo sempre por uma única alma, racional e responsável também pela manutenção da vida e dos fenômenos vitais, reconhecendo também uma função ou faculdade orgânica ou vivificante na mesma.

Na Renascença, vemos Paulus Vernetus admitir no homem não somente duas almas, a alma sensível que é corruptível e a alma racional que é imortal, mas também várias almas vegetativas presidindo às diversas partes do corpo.

Já Paracelso admitia a existência de princípios ativos de organização e de vida expandidos em todos os seres da natureza. Os chamava espírito do sal, do enxôfre, do mercúrio, nos minerais; espírito vegetal nas plantas; espírito animal ou arqueus nos animais. No homem, abaixo da alma racional, ele coloca um grande número de arqueus igual ao número de órgãos distintos e de funções particulares da vida. Os arqueus de Paracelso nos conduzem aos de van Helmont.

Abaixo da alma racional e imortal, van Helmont coloca uma alma sensível e perecível. Esta segunda alma nem sempre existiu no homem, mas somente a partir da queda, esta alma veio governar o corpo, semelhante a uma flama, que a cada instante se consome e pode se extinguir. Sob o poder da alma sensível um arqueu central presidindo a todo o organismo e sob a dependência imediata deste arqueu principal, arqueus particulares que presidem a cada função particular, com uma existência própria e até um certo ponto, independentes. O homem, não é um ser apenas, nem duplo, nem triplo, mas uma verdadeira legião.

Segundo Zohar e a Kabala, cujas doutrinas exerciam então uma certa influência no pensamento da época, o homem, imagem de Deus e do mundo, compõe-se de uma natureza tripla: um espírito, o grau mais elevado de seu ser; uma alma, sede do bem e do mal; e um espírito mais grosseiro imediatamente em relação com o corpo. Também Bacon e Gassendi acreditavam dever-se juntar à alma racional do homem, uma segunda, de natureza inferior, para governar o corpo.

Esta seria comum aos animais inferiores também. Eis um duplo dinamismo, bem nítido. Para Gassendi, o problema ficaria com duas soluções: primeiro, a alma, se bem que simples, tem duas ordens de faculdades, umas exercendo-se sem órgãos, outras exercendo-se com os órgãos; segundo, a alma é composta de duas partes, uma para o pensamento e outra para a vida, uma espiritual, outra material, uma de origem divina, outra de origem humana.

Descartes viu que a espiritualidade é uma verdade de observação imediata, contida no seu célebre aforismo: *cogito, ergo sum* (penso, portanto sou). Para Descartes, é do pensamento consciente em si mesmo que se faz a essência da alma. Portanto, a alma não poderia fazer nada que não pense e que portanto não seja apenas um puro pensamento. Assim a vida do organismo não sendo uma alma e não pertencendo à alma, seria apenas alguma força ou propriedade da própria matéria. A vida, sendo necessariamente excluída da alma, seria um mero mecanismo ou consequência deste. Haverá para ele, um fogo ou princípio animador, uma espécie de princípio ou força vital, mal definido.

Na filosofia moderna, Leibniz é talvez o maior animista, com a ressalva porém, de sua tese da harmonia preestabelecida a qual excluiria a ação da alma sobre o corpo. A contradição é só aparente, o que se compreende pela análise em profundidade de suas explicações. O corpo estaria sujeito à ação do que ele chama de monadas, as quais seriam simples, essencialmente ativas e imateriais. Os corpos como substâncias compostas seriam agregados de monadas. As almas são monadas que presidem a esses agregados. Se esta monada superior (alma) é puramente vegetativa, o corpo organizado é uma planta; se ela é sensível, o corpo é um animal. Para ele a alma é o princípio da vida e da organização em seu sentido mais geral. E o caráter comum, essencial de todas as almas, da alma racional e de todas as almas inferiores, é a força organizadora, a atividade, a energia vital. A alma atua só pela sua presença.

Foi o grande animista Stahl que se encarregou de refutar a Leibniz, não em essência, mas em sua forma de explicar o animismo. Stahl atribuía à alma todos os movimentos vitais tanto sadios como mórbidos, não reconhecendo a hipótese da harmonia preestabelecida, dando ampla liberdade de atuação da alma sobre o corpo, sem as limitações do outro sistema, e sem mecanismos intermediários. Combateu violentamente os iatroquímicos. Sua terapêutica está em harmonia com sua doutrina sobre a atuação da alma no corpo e nas doenças, reduzida a um pequeno número de remédios e de preceitos de saúde. A alma sendo força medicatriz, e mais esclarecida que todos os médicos sobre a estrutura do corpo e sobre todas as funções da vida, convém acima de tudo deixá-la atuar.

O animismo havia sofrido forte revés em suas aplicações médicas com a filosofia de Descartes, a qual abria



PARAGELSO

caminho para o quimismo e o mecanicismo. Stahl, triunfando sobre as idéias de Descartes, implantou novamente e com ênfase o animismo na Medicina, principalmente na Alemanha.

Floresce no século XVIII a Escola de Montpellier, por influência de Stahl, se bem que este acabou distanciando-se daquela. Sauvage, um dos mais ilustres professores desta escola, atacou em 1737 o mecanicismo que estava em voga e que penetrara nesta escola com o cartesianismo. Segue-se Grimaud e Roussel, ampliando-se os conceitos vitalistas, como por exemplo: admitindo-se um outro princípio que não a alma para dirigir todas as nossas funções, princípio intimamente unido com ela, mas que não desfruta os mesmos atributos etc.

Com Barthez realiza-se um esforço mais completo para operar o desejado divórcio entre o animismo e o vitalismo. As idéias de Barthez constituem o símbolo médico e filosófico da escola de Montpellier.

Segundo Barthez, os atos atribuídos a estas forças diversas, que atuam no organismo vivo, não são nem isolados, nem independentes, nem encadeados uns aos outros de uma maneira necessária; mas são regras, dirigidas, dispostas para um mesmo fim e seguindo as necessidades que nascem e que mudam a todo momento. Estes dependem pois de uma causa essencialmente única. A unidade, a individualidade do sistema fisiológico, eis segundo Lordat o primeiro dogma de Barthez (Lordat célebre discípulo de Barthez). O verdadeiro e maior serviço que Barthez prestou aos fisiologistas, foi o de lhes lembrar a unidade, a grande unidade do princípio vital. "... eu chamo de PRINCÍPIO VITAL, A CAUSA que produz todos os fenômenos da vida no corpo do homem". Estas questões são tratadas em seu livro "Novos elementos da ciência do homem", no capítulo intitulado "Considerações séticas sobre a natureza do princípio vital do homem", onde não nos traz grandes luzes sobre a natureza do princípio vital, sob pretexto "de que a questão é de nenhuma importância para a verdade do sistema, e que nós somos condenados a uma

ignorância absoluta sobre a natureza das causas, seja em geral, seja em particular". Apesar disto ele não hesita em afirmar que princípio vital, não é uma faculdade da alma racional... E aqui se situa a sua polêmica com Stahl e o animismo, pois ele acha impossível que o princípio vital seja uma faculdade da alma. E diz que "quando o princípio vital age, a alma não tem esse sentimento interior que corresponde à consciência do que se passa no automatismo fisiológico". "As determinações do princípio vital não variam; elas são as mesmas em todos os homens, enquanto que tudo o que provem da alma, suposta livre, varia mais ou menos de indivíduo a indivíduo". Portanto é essencial distinguir o princípio vital do homem em relação à sua alma; e sendo ele distinto da alma, é necessário saber se ele existe por si mesmo, ou se é uma substância a parte ou uma modalidade do homem, um modo inerente ao corpo humano, ao qual ele dá a vida.

O Vitalismo segundo Hahnemann

Pela análise das escolas do passado, fica-se com a nítida impressão de que Hahnemann inspirou-se em Hipócrates e Barthez para conceber o seu vitalismo. Em 1809 Hahnemann escreveu a um seu discípulo: "É preciso saber a certo o que disseram os homens antes de nós e o que dizem ao nosso lado".

Nos parágrafos de Organon de números 9 a 16, ele trata da força vital, dando-nos precisos e práticos conceitos sobre a mesma.

"§ 9.º — No estado de saúde, a energia vital (soberana) imaterial — Dinamys — animando a parte material do corpo humano (organismo), reina de maneira absoluta. Mantem todas as partes do organismo em admirável harmonia vital, do ponto de vista do sentimento e da atividade, de maneira que o espírito dotado de raciocínio que reside em nós pode livremente empregar esses instrumentos vivos e sãos para alcançar o elevado objetivo da nossa existência.

"§ 10 — Sem força vital o organismo material é incapaz de sentir, de agir e de manter sua própria conservação. (Seria o Tsri dos chineses ou o prana dos hindus). É unicamente à essência imaterial (princípio de vida — energia vital), que o anima no estado de saúde e de doença, que ele deve o sentimento e o desempenho de suas funções vitais.

"§ 11 — Quando o homem adoecer, esta energia vital imaterial (princípio de vida), ativa por si mesma e presente por todo o seu corpo, é, desde o início da doença, a única que se resente da influência dinâmica do agente mórbido hostil à vida. Só ela, depois de conturbada por essa percepção, pode ser a causa, para o organismo, das sensações desagradáveis que ele experimenta, e leva-lo aos atos insólitos que chamamos doença. Invisível por si mesma e apenas reconhecível pelos efeitos que produz no corpo, essa força só exprime e só pode exprimir sua discordância por uma manifestação anormal na maneira de sentir e de agir da porção do organismo acessível aos sentidos do observador e do médico, pelos sintomas da doença.

"§ 12 — É unicamente a rutura do equilíbrio da energia vital que é a causa das doenças. Os fenômenos mórbidos acessíveis aos nossos sentidos exprimem, portanto, ao mesmo tempo, toda a transformação interna, isto é, a totalidade da discordância do poder interior. Numa palavra, põem toda a doença em evidência. Por conseguinte, a cura, isto é, a cessação de qualquer manifestação doentia, o desaparecimento de todas as modificações apreciáveis incompatíveis com o estado normal da vida, tem como condição, e supõe necessariamente, que a força vi-

tal seja restabelecida em sua integridade, e o organismo inteiro devolvido à saúde.

“§ 13 — Por isso, a doença (que não constitui objeto da cirurgia), sendo considerada pelos alopatas como algo separado do todo vivo, do organismo e sua força vital animadora, e oculta em seu interior, como se fosse algo de natureza tão sutil, é um absurdo somente imaginado por mentes materialistas, que durante milênios têm dado aos sistemas de medicina predominante todos aqueles impulsos perniciosos que a tornaram uma arte (não curativa) verdadeiramente nociva.

“§ 14 — Não há, no íntimo do homem, nada mórbido que seja curável, nem alteração mórbida curável, que não se revele ao médico observador por meio de sinais e sintomas mórbidos — o que está em perfeita harmonia com a bondade infinita do onisciente Preservador da vida humana.

“§ 15 — A afecção do dinamismo (força vital) espiritual, que anima nosso corpo no interior invisível, morbidamente perturbado, bem como todos os sintomas exteriormente observáveis, por ele produzidos no organismo, e que representam o mal existente, constituem um todo. O organismo, é na verdade, o instrumento material da vida, não sendo, porém, concebível sem a animação que lhe é dada pelo dinamismo instintivamente perceptor e regularizador, tanto quanto a força vital não é concebível sem o organismo; conseqüentemente, os dois juntos constituem uma unidade, embora em pensamento, nossas mentes separem essa unidade em dois conceitos distintos para mais fácil compreensão.



VOLTAIRE

“§ 16 — Sendo nossa força vital uma potência dinâmica, a influência nociva, sobre o organismo são, de agentes hostis que vêm de fora perturbar a harmonia da vida, só poderia, por conseguinte, afetá-lo de forma puramente dinâmica. O médico, portanto, só pode também remediar tais discordâncias (as doenças) fazendo que ajam sobre ela substâncias dotadas de forças modificadoras igualmente dinâmicas ou virtuais, cuja impressão ela penetre por meio da sensibilidade nervosa presente em toda parte. Assim os medicamentos só podem restabelecer, e restabelecem realmente, a saúde e a harmonia da vida, agindo dinamicamente sobre ela, depois que a observação atenta das alterações acessíveis aos nossos sentidos no estado do indivíduo (conjunto de sintomas) tiver fornecido ao médico noções tão completas sobre a doença quanto ele necessitar para ficar em condições de curá-la”.

Seria a força vital inteligente ou não? Ela pode não ser inteligente, mas veicula mensagens inteligentes. Seu substrato seria explicado pela Biologia Molecular?

Hahnemann toma posição contrária à atitude que considera a natureza medicatriz como força poderosa infalível e diz:

“Essa natureza, porém, que se nos apresenta como modelo tão perfeito, não é senão a força vital instintiva desprovida de razão e incapaz de reflexão, que se submete às leis orgânicas do nosso corpo. O Criador lhe deu por destino único regular a atividade e a sensibilidade do organismo com admirável perfeição, enquanto durar a condição de bem estar; não foi contu-



ALTERNATIVA

PRODUTOS NATURAIS

*cereais e farinhas integrais, mel puro, pães, bolos
biscoitos, geléias, verduras e frutas orgânicas,
ervas aromáticas, cosméticos, roupas em fibra natural,
livros e muito mais*

loja: av. Cotovia, 900, fone 5316742 _____
escritório e vendas atacado para todo o Brasil: av. Ibijau, 338 fone (011) 2416330 _____

do, feita para descobrir os meios adequados de restabelecer a ordem e a hierarquia, quando a saúde vier a alterar-se.

"Se os homens não tivessem sido sempre testemunhas desses esforços imperfeitos e tantas vezes infrutíferos, não teriam procurado tanto secundar uma força cega que tão mal escolhe os meios de prestar socorro a si mesma; não se teriam empenhado tanto em criar uma arte de curar" (do prefácio da 4.^a edição do Organon).

Em verdade podemos verificar que todo processo natural de cura pode levar o organismo a sérios sofrimentos, como pode ocorrer com os mecanismos de alergia ou de imunidade, quando se desenvolvem de maneira deficiente ou excessiva. As observações de Hahnemann quanto à falta de inteligência aparente da força vital e todos os mecanismos dos síndromes de adaptação tão bem estudados hoje em dia, nos levam a meditar com novos aspectos desta força que no estado de saúde mantém o organismo em tão harmoniosa forma e que no estado de doença não é possível freqüentemente, só, sem ajuda do médico, levar a bom termo uma cura de um desequilíbrio muito grande, quer se tratando de doença aguda ou crônica. Hahnemann admitia entretanto, que na doença aguda essa força era suficiente para restaurar a saúde, desde que a doença não fosse muito grave.

Como ele entendia essa força? A esse respeito, assumiu uma atitude um

tanto agnóstica, como que concordando com Barthez, admitindo porém que "... essa força fundamental, enfim, não pode absolutamente ser representada como um ser a parte; ela porém escapa a todas as nossas investigações, a todas as nossas percepções". Apesar dessa maneira de pensar ele se torna metafísico quando afirma que "... as doenças são aberrações dinâmicas que nossa vida espiritual experimenta em sua maneira de sentir e de agir, isto é, modificações imateriais em nossa maneira de ser"; ou "... Não pretendo absolutamente dar com isso uma explicação metafísica da natureza íntima das doenças em geral ou de qualquer caso mórbido em particular. Quero apenas designar o que as doenças não são, isto é, elas não são modificações mecânicas ou químicas da substância material do corpo, e que são unicamente alterações espirituais ou dinâmicas da vida".

"As enfermidades do homem, engendradas pela influência dinâmica e virtual das causas morbíficas, são originariamente modificações dinâmicas e por assim dizer espirituais do caráter vital de nosso organismo". Toda concepção vitalista de Hahnemann está contida nos parágrafos acima citados do Organon. Convém notar que ele não considera o princípio vital como um ser a parte.

Afirmemos em definitivo que a força vital pode não ser inteligente, mas veicula mensagens inteligentes.

Referências Bibliográficas

- SAM, M. Ung Kang e CHAMFRAULT, A. *Traité de Médecine Chinoise* (dos textos chineses antigos e modernos). Editions Coquemard. Angoulême, 1957.
- DURANT, W. *História da Civilização*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1954.
- CASTIGLIONI, A. *História da Medicina*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1957.
- CUMSTON, C. *Histoire de la Médecine (Du temps des Pharaons au XVIII siècle La Renaissance du Livre — Paris, 1931)*.
- GOETZ, W. *História Universal*. Versión española de Manuel Garcia Morente. ESPASA CALPE. Madrid, 1950.
- BOULLIER, F. *Príncipe Vital et L'Âme pensante*. Librairie Académique. Didier & Cie. Libraires éditeurs. 35, Quai Des Augustiens, 1873.
- RUSSEL, B. *História da Filosofia Ocidental* (3 volumes). Companhia Editora Nacional. 1977.
- EIZAYAGA, F. X. *Tratado de Medicina Homeopática*. Ed. Marecel. Buenos Aires, 1972.
- HAHNEMANN, S. *Organon de L'Art de guerir avec glossaire et annotations suivis d'un Index établi par le Dr. Pierre Schmidt (de Genève)*. Traduit de la sixième édition allemande, 1952.
- KENT, J. T. *Filosofia Homeopática*. Trad. direta do inglês por Augusto Vinyales. Casa Editorial Bailly Bailliere, S. Madrid, 1926.

HOMEOPATIA
H&N
PRODUTOS
NATURAIS

RUA DAS PALMEIRAS Nº 67 FONE 223-0433

- matérias-primas das melhores procedências,
- método hahnemanniano puro,
- altas dinamizações manuais e dinamizações especiais,
- auto-nosódios,
- dinamizações da escala 50 milésimal,
- orientações dietéticas (cereais, pães, doces, chás, temperos)
- linha natural de cosméticos e shampoos,
- complementos alimentares,
- livros,
- etc.



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: um momento no desenvolvimento infantil

Maria de Fátima Ferreira Menezes
Prof. e Mestre de Linguagem
Portuguesa pela PUC Rio.

O primeiro som significativo

Um momento de grande emoção para os pais é aquele em que a criança emite um primeiro som significativo. A primeira palavra produzida pela criança e reconhecida pelos pais normalmente é muito festejada e até imortalizada pelo registro no livro de recordações. E embora um marco no desenvolvimento infantil esse momento é artificial.

Desde os primeiros meses de vida a criança emite sons — fase dos balbucios — que embora incompreensíveis para os adultos⁽¹⁾, são significativos para a criança. A passagem de uma fase de balbucio para a palavração (fase da palavra-frase) é um processo lento e contínuo e muito difícil de ser percebido pelos adultos. Ou seja, aquele que os adultos identificam como primeiro som significativo pode não ser, efetivamente, o primeiro produzido pela criança.

A aquisição da linguagem própria emite dita só começa a manifestar-se ao final do primeiro ano de vida. Note bem: *manifestar-se!* É preciso distinguir duas etapas diferentes: a capacidade de compreensão e a capacidade de produção. A criança “compreende” antes de que é capaz de produzir mensagens. Por isso, a criança em torno dos 10 meses de vida já atende pronta e corretamente pequenas ordens do tipo: “guarde esse brinquedo”; “pegue isso”; “apanhe o seu sapato”, etc. Ela reconhece o significado da estrutura embora vá demorar a fazer uso dela.

Essa distinção entre compreensão e produção parece ser um indicio claro de que a aquisição da linguagem está associada à questão do desenvolvimento mental. É preciso que a criança desenvolva certas estruturas do seu raciocínio para fazer uso de estruturas da linguagem.⁽²⁾

E a relação desenvolvimento cognitivo / desenvolvimento mental é fundamental para a explicação de idéias pré-concebidas que dizem respeito ao processo de aquisição da lin-

guagem, principalmente aquela que confunde esse processo com o processo de aquisição de vocabulário. É muito freqüente encontrarmos adultos insistindo em nomear os objetos fazendo as crianças repetirem os nomes. É um processo semelhante ao que se faz com o papagaio, que repete palavras em número restrito sem fazer uso criativo de nenhuma delas. A aquisição da linguagem está relacionada diretamente à aquisição das regras da língua e não do vocabulário. E o processo só se efetiva quando a criança faz uso criativo (embora limitado) dessas estruturas.

— ELA ESTÁ SECADA!”

— Carolina, tire essa roupa molhada!

— Não! Ela está *secada!*”

(Carolina — 2 anos e meio)

— Vou desenhar uma fror toda *abida.*”

(Pedro — 2 anos).

— Fefe, me dá um beijo?

— Não. Eu já *di.*”

(Fernando — 3 anos)

Na língua portuguesa não existem os adjetivos: “secada”, “abida” ou o verbo “dar” flexionado na 1.ª pessoa do singular como “di”. Mas, na língua portuguesa existem regras de formação de adjetivos com a colaboração do sufixo “ado” (por exemplo: molhado, sufocado, etc.) e regras para a formação da 1.ª pessoa de verbos com terminação “i” (exemplo: “eu sofri”, “eu dormi”, “eu comi”, etc.).

Os enunciados das três crianças indicam que elas assimilaram as regras de tal forma que as aplicam em casos de exceção. Assim, Carolina usa “secada” em vez de “seca” por semelhança à “molhada”; Pedro desenha uma flor “abida” por semelhança a “fechada” enquanto que Fernando generaliza a formação da 1.ª pessoa do singular dos verbos. O que o desenvolvimento mental das três crianças ainda não percebeu foram as exceções, processo que requer maior abstração

e, portanto, é posterior. Os enunciados como esses identificados como gracinhas infantis, revelam que as crianças já internalizam as regras ao mesmo tempo que denunciam as irregularidades da língua.⁽³⁾

Portanto, a aquisição da linguagem não se dá por ensaio e erro, nem é um processo simplesmente inato. É preciso que ao lado do desenvolvimento mental infantil existam estimulações, um ambiente de solicitações linguísticas em número suficiente e capaz de estimular o processo.

A aquisição das estruturas da língua, a ampliação, em grau de complexidade dessas estruturas, a aquisição de regras mais complexas, se realiza de forma contínua ao longo do desenvolvimento físico e cognitivo. É fundamental que esse processo se dê de forma bem natural e deve ser acompanhado e observado como indicador da formação da personalidade da criança como um todo.

Algumas considerações sobre o processo de aquisição da linguagem:

1. Linguístas e diversas pesquisas têm identificado a faixa etária entre 2 e 14 anos como aquela onde esse processo se desenvolve e chega a termo;

2. há claras evidências de que as crianças até aos 7 anos convivem bem em situações de bilingüismo (duas línguas ao mesmo tempo) e podem adquirir com facilidade mais de um sistema linguístico;

3. alguns adultos insistem na correção dos pseudos erros infantis (como os enunciados vistos aqui); embora as crianças possam responder satisfatoriamente a essas correções, não implica que ela tenha aprendido a forma correta (repetição não significa aprendizagem...). Para assimilar o correto é preciso que a criança tenha estruturas mentais que permitam essa compreensão;

4. é muito freqüente o adulto se comunicar com as crianças utilizando diminutivos como se a criança por



ser pequena, tivesse uma percepção que as coisas que a cercam são pequenas. É importante notar que as coisas da criança são pequenas só do ponto de vista do adulto. Para a criança, ao contrário, tudo é grande. E o que parece acontecer é que crianças até 3 anos fazem, freqüentemente, uso de aumentativos enquanto que os diminutivos se restringem às expressões normalmente utilizadas no diminutivo, por exemplo: "três porquinhos"; "vo-vozinha", "chapeuzinho vermelho";

5. A língua é um fato social logo, a aquisição da linguagem está relacionada ao conhecimento do mundo, às experiências da criança. Por isso, se observamos atentamente, a criança fala sempre das mesmas coisas: família, brinquedos, escola, personagens de livros, quadrinhos, TV etc.

6. É freqüente a criança "trocar letras", confundir sons e gaguejar. Isso não deve ser motivo de apreensão até a criança completar 4 anos.

Essa última observação se faz necessária na medida em que alguns pais, por um natural sentimento de proteção, acompanham com tensão um comportamento imprevisível. As observações adultas são fundamentais já que oferecem dados sobre a formação da criança no seu todo. Mas, não devem significar uma interferência principalmente se carregada de um aspecto coercitivo. A aquisição da linguagem, um momento marcante no desenvolvimento infantil, deve ser encarada como um processo natural, contínuo e lento, parte de um movimento maior que é a relação e adaptação da criança do seu mundo.

(1) Muitas experiências têm mostrado que nessa fase de balbúcio é reconhecida e codificada pela mãe. O relacionamento íntimo entre a mãe e a criança permite que aquela reconheça os significados dos sons produzidos pelo seu bebê.

(2) Processo bastante semelhante ocorre na aquisição da escrita. Quando a criança tem desenvolvida etapas mentais ela rapidamente processará a escrita. Caso contrário, não. É o que acontece, por exemplo, em escolas que atendem à uma população de baixa renda. A alimentação inadequada não permite o desenvolvimento mental suficiente para a aquisição da escrita. É muito freqüente encontrarmos, nessas escolas, crianças de 10 a 14 anos não alfabetizadas e um grande índice de reprovação nas classes de alfabetização.

(3) Os estudos e pesquisas sobre aquisição da linguagem têm revelado importantes contribuições ao estudo e descrição das línguas em geral.

"FILHOS"

Filhos ... Filhos?
 Melhor não tê-los!
 Mas se não os temos
 Como sabê-lo?
 Se não os temos
 Que de consulta
 Quando silêncio
 Como os queremos!
 Banho de mar
 Diz que é um porrete...
 Cônjuge voa
 Transpõe o espaço
 Engole água
 Fica salgada
 Se iodifica
 Depois, que boa
 Que morenaço
 Que esposa fica!
 Resultado: filho.
 E então começa
 A aporrinhação:
 Cocô está branco
 Cocô está preto
 Bebe amoníaco
 Comeu botão
 Filhos? Filhos
 Melhor não tê-los
 Noites de insônia
 Cães prematuras
 Prantos convulsos
 Meu Deus, salvai-o!
 Filhos são o demo
 Melhor não tê-los...
 Mas se não os temos
 Como sabê-lo?
 Como saber
 Que macieza
 Nos seus cabelos
 Que cheiro morno
 Na sua carne
 Que gosto doce
 Na sua boca!
 Chupam gilete
 Bebem xampu
 Ateiam fogo
 No quarteirão
 Porém, que coisa
 Que coisa louca
 Que coisa linda
 Que os filhos são!

Vinicius de Moraes

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE HOMEOPATIA

Transcorreu de 4 a 9 de setembro último passado, mais um importantíssimo encontro dos homeopatas do Brasil e do exterior no XVII Congresso Brasileiro de Homeopatia, realizado em Salvador, Bahia, sob a presidência da Dra. Maria Amélia Soares da Cunha.

A medida que o Congresso se desenvolvia, ia-se marcando indelevelmente a presença do Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure", uma vez que praticamente metade dos trabalhos apresentados era de autoria de seus membros, demonstrando grande firmeza doutrinária embasada num profundo conhecimento das obras de Hahnemann.

Mais do que apenas apresentação de trabalhos, notou-se grande e importante preocupação com o ensino e divulgação da Homeopatia, fato este de grande relevância, dado o crescente número de médicos que têm procurado alguma formação ou mesmo informação neste sentido.

Dentre os trabalhos apresentados e que suscitaram maior polêmica entre os participantes, foram os referentes ao tema oficial do Congresso, "A Homeopatia nas Doenças Agudas", e os trabalhos sobre Infecção Hospitalar, destacando as pesquisas realizadas no Centro Médico Homeopático de São Paulo "David Castro" cujos resultados encontrados demonstraram uma taxa de infecção praticamente nula, mostra do grande trabalho realizado nesse Centro Médico, com condutas absolutamente científicas e não "cientificistas" muito em moda. Outro assunto de igual importância apresentando não menos acaloradas discussões foi sobre o Controle de Qualidade na Farmácia Homeopática, destacando-se as pesquisas pioneiras das Farmácias de São Paulo Farmácia Homeopática Bento Mure, Laboratório Homeoterápico e Farmajader.

Além dos trabalhos científicos sobre experimentação de medicamentos, sobre observações clínicas e relato de casos de agravação e supressão causando sintomas *a posteriori*, apresentaram também um estudo sobre a utilização da informática dentro da Homeopatia, versando sobre o uso do computador na repertorização dos sintomas para escolha do medicamento mais adequado.

Devido ao grande número de trabalhos apresentados, restou pouco tempo para os debates que seriam tão úteis, especialmente para os mais jovens, uma vez que os mais velhos têm opinião formada sobre "a melhor conduta" neste ou naquele caso, apresentando às vezes, uma certa resistência a conclusões de novos estudos realizados nas obras de Hahnemann.

O Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure", responsável pela Revista Similia, pelo Centro Médico Homeopático de São Paulo "David Castro" e pela Farmácia Homeopática Bento Mure, foi inúmeras vezes criticado por ser estritamente hahnemanniano. Chamamos a atenção para o trabalho sobre Doenças Agudas no qual se fez cuidadoso levantamento das obras de Hahnemann para que se pudesse formalizar regras de conduta que guardassem em si a maior conformidade possível com as condutas daquele, e que já estão sendo aplicadas no Centro Médico. Alguns trabalhos referiam-se à experiência em andamento do uso (recente) da potência 50 Millesimal no Brasil, introduzida por David Castro e George W. Galvão Nogueira, atual diretor clínico do Centro Médico Homeopático de São Paulo "David Castro", que apresentou belíssimo trabalho sobre "A Vontade como Limitação à Homeopatia", uma reflexão filosófica acerca da vida, da morte, do ser.

Concurso realizado pela Comis-

são Organizadora do Congresso cujo tema foi "A Personalidade de Samuel Hahnemann, sua vida e sua obra", o ganhador foi o Grupo de Estudos Homeopáticos de São Paulo "Benoit Mure". Foi com emoção que a Dra. Aidely Fortim Campos, representando o Grupo, recebeu das mãos da presidente do Congresso a placa de prata e as medalhas comemorativas do evento, tecendo alguns comentários sobre a única foto existente de Hahnemann que se encontra em Londres e que publicamos em artigo desta edição.

O resultado desse Concurso veio coroar e trazer o reconhecimento público do esforço e dedicação dos integrantes do Grupo de Estudos Homeopáticos "Benoit Mure", cuja pureza de idéias, tantas vezes criticadas, começa a dar seus primeiros frutos. E estes resultados positivos alcançados tiveram sempre uma única fonte (inesgotável) de inspiração: o trabalho incansável e a conduta firme e correta de Samuel Hahnemann a quem prestamos humilde e sincera homenagem unindo nossa voz à de Fausto de Goethe quando exclama:

"Da sabedoria é conclusão superior: Faz jus à liberdade e a sua existência só quem diariamente a conquistar com

[destemor.

Cercado de perigos é assim a vivência Dessas crianças, adultos e velhos e se

[agitar.

Gostaria eu de tal multidão vislumbrar E conviver com homens livres em

[terra livre

Para poder dizer ao momento fugaz: Continua aqui. És belo! Não te vás! Os vestígios de meus dias, na Terra

[passados,

Nem em milênios poderão ser [apagados."

INDICAÇÕES TERAPÊUTICAS

- Traumatismos em geral (cortes, contusões, escoriações) — *Arnica montana*
- Queimaduras = *Arsenicum album*
- Indisposições digestivas / Excessos alimentares e bebidas alcoólicas = *Nux vomica*
- Contrariedades / Irritações — *Nux vomica*
- Envenenamentos / Intoxicações — *Arsenicum album*
- Picadas de insetos = *Apis mellifica*
- Insolação — *Belladonna*
- **Cuidados Gerais e Locais:**
 - Lavar as feridas com água e se muito contaminadas, fazê-lo em seguida com água oxigenada a 10 volumes.
 - Nos cortes de menos de 2cm unir os bordos com ponto-falso.
 - Manter o local descoberto, sem curativo e seco. *Não molhar.*
 - *Nas queimaduras* lavar o local com água morna adicionada de álcool na proporção de 1 colher de sopa de álcool para cada 1/2 litro de água e na qual se dissolvem alguns glóbulos de *Arsenicum album* C6.

Como Mediar

1. Dar logo no início 2 glóbulos ou 2 gotas ou 1 tablete, para dissolver na boca como se fosse bala.



2. No caso de necessidade (dor forte, hemorragia, ferimentos mais graves) logo em seguida dar um *plus* de 1/2 hora do mesmo medicamento. Esse mesmo *plus* poderá ser repetido por mais 1/2 hora nesse dia ao deitar e no dia seguinte pela manhã e ao deitar.

3. Nunca dê doses repetidas. Só medique, após a primeira dose, em forma de *plus*.

4. Durante a medicação não dê chás ou alimentos.

Nos casos de problemas alimentares o paciente deverá ser submetido a uma dieta leve e ficar em meio repouso até um dia após a cura.

Nos casos de febre, além disso, não dar banho nem fazer compressa.

Dieta leve

- arroz bem cozido;
- caldo de legumes;
- *banchá* — água;
- torrada;
- bolacha de água e sal;
- fruta cozida e adoçada com um pouco de melado (ou mel), para crianças com poucos meses a um ano, dar só o leite de peito ou se não mais estiver sendo amamentada no peito, a mamadeira comum diluída ao meio em água.

Use só potência C 6 (ou C 5)

(“para ser recortada e colocada junto de sua caixa de medicamentos”)

Acon	<i>Aconitum napellus</i>	Hyper	<i>Hypericum perforatum</i>
All	<i>Allium cepa</i>	Ign	<i>Ignatia amara</i>
Alum	Alumina	Ipeca	<i>Ipecacuanha</i>
Anac	<i>Anacardium orientale</i>	Iris	<i>Iris versicolor</i>
Apis m	<i>Apis mellifica</i>	Kali bi	<i>Kali bichromicum</i>
Arns	<i>Arnica montana</i>	Kali c	<i>Kali carbonicum</i>
Ars	<i>Arsenicum album</i>	Lach	<i>Lachesis</i>
Bar	<i>Baryta carbonica</i>	Laur	<i>Laurocerasus</i>
Bell	<i>Belladonna atropa...</i>	Ledum	<i>Ledum palustre</i>
	<i>C1 nas dores intensas</i>	Lyc	<i>Lycopodium clavatum</i>
	<i>C6 nos casos comuns</i>	Mag m	<i>Magnesia murliatica</i>
Berb	<i>Berberis vulgares</i>	Merc s	<i>Mercurius solubilis</i>
Bov	Bovista	Naja	<i>Naja tripudii</i>
Bryo	<i>Bryonia alba</i>	Natr m	<i>Natrum muriaticum</i>
Cact	<i>Cactus grandiflowes</i>	Natr s	<i>Natrum sulfuricum</i>
Calc c	<i>Calcarea carbonica</i>	Nux v	<i>Nux vomica</i>
Calc p	<i>Calcarea phosphorica</i>	Ocimum	<i>Ocimum</i>
Cann	<i>Cannabi sativa</i>	Op	<i>Opium</i>
Cantharis	<i>Cantharis</i>	Petr	<i>Petroleum</i>
Carb v	<i>Carbo vegetabilis</i>	Phos	<i>Phosphorus</i>
Caust	<i>Causticum</i>	Pod	<i>Podophyllum</i>
Cham	<i>Chamomilla</i>	Puls	<i>Pulsatilla nigricans</i>
Chin	<i>China officinalis</i>	Pareira	<i>Pareira brava</i>
Cina	Cina		
Clem	<i>Clematis erecta</i>	Rhus tox	<i>Rhus toxicodendron</i>
Cob	<i>Cobaltum</i>	Rui	<i>Rui graveoleus</i>
Cocc	<i>Cocculus indicus</i>	Sab	<i>Sabadilla</i>
Coccus	<i>Coccus cacti</i>	Sabina	<i>Sabina</i>
Coff	<i>Coffea cruda</i>	Samb	<i>Sambucus nigra</i>
Coloc	<i>Colocynthis</i>	Sang	<i>Sanguinaria canadensis</i>
Con	<i>Conium maculatum</i>	Sars	<i>Sarsaparilla</i>
Cupr	<i>Cuprum metallicum</i>	Sec	<i>Secale cornutum</i>
Dig	<i>Digitalis purpurea</i>	Sepia	<i>Sepia</i>
Dios	<i>Dioscorea villosa</i>	Sil	<i>Silicea</i>
Dros	<i>Drosera rotundifolia</i>	Spig	<i>Spigelia</i>
Dulc	<i>Dulcamara</i>	Spon	<i>Spngia tosta</i>
Euphr	<i>Euphrasia officinalis</i>	Stann	<i>Stannum metallicum</i>
Eup	<i>Eupatorium perfoliatum</i>	Staph	<i>Staphisagria</i>
Ferr	<i>Ferrum metallicum</i>	Symph	<i>Symphytum officinale</i>
Gels	<i>Gelsemium sempervirens</i>	Tarent	<i>Tarentula spanica</i>
Graph	<i>Graphites</i>	Tetan	<i>Tetanotoxinum C200</i>
Ham	<i>Hamamelis C1 e C6</i>	Urtica	<i>Urtica urens</i>
Hep	<i>Hepar sulphur</i>	Verat	<i>Veratrum album</i>
Hyos	<i>Hyoscyamus</i>		
Hydroph	<i>Hydrophobinum C200</i>		

Tipo 1 — São 11 medicamentos, todos da potência C6 e em glóbulos.

Acon - Ars - Apis m - Arn - Bell - Cham - Carb v - Merc s - Nux v - Phos - Puls.

Tipo 2 — São 36 medicamentos.

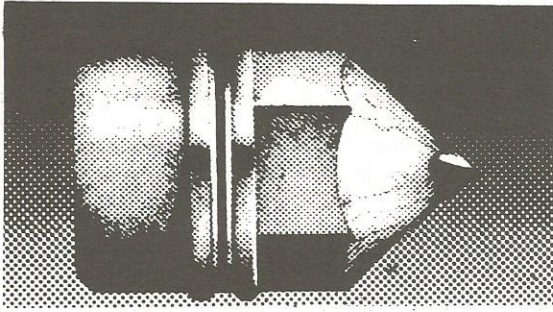
Acon - All - Arn - Apis m - Ars - Bell - Bryo - Calc s - Cantharis - Carb v - Cham - Chin - Coff - Droc - Eup - Ferr - Gels - Harn - Ign - Ipeca - Kali b - Lach - Lyc - Merc s - Natr m - Nux v - Op - Phos - Puls - Rhus tox - Sang - Samb - Sep - Sil - Urtica.

Estes medicamentos todos da potência C6 e Tetanotoxinum C200. Todos os medicamentos em glóbulos.

Tipo 3

Consta de 85 medicamentos.

Quando não indicado, a potência será C6.



IMPRENSA

HOMEOPATIA, VITAMINAS E FORTIFICANTES

“Do Dr. Lawrence E. Lamb, ex-médico da NASA e responsável por uma coluna de jornal em que ele discutia se as pílulas de remédios devem ser dissolvidas ou esmigalhadas antes de ser tomadas, conta o que lhe escreveu um leitor.

“Há alguns anos, escreveu-lhe a pessoa, minha mulher e eu tivemos uma experiência que me ensinou algo a este respeito. Quando mandamos limpar a fossa séptica em nossa casa, encontramos no fundo dela centenas e centenas de comprimidos de vitaminas e sais minerais não dissolvidos. Desde então, todas as vitaminas que tomamos são mastigadas primeiro. Levei o problema ao laboratório, mas o seu representante disse que a dificuldade estava com o nosso organismo, que devia ter alguma deficiência de ácidos”.

“O Dr. Lamb respondeu ao leitor que havia publicado sua carta para ilustrar o problema” que considerava muito grave — o excesso de vitaminas. O colunista era de opinião que as pessoas precisavam compreender uma coisa: “Muitos comprimidos de vitamina passam simplesmente pelo aparelho digestivo sem trazer benefício algum para a pessoa que os engoliu”.

“Mas suas considerações não ficam nesse ponto apenas. Além de não por-

porcionarem os benefícios esperados. em muitos casos, “outras vezes, vitaminas solúveis em água são digeridas, mas não eliminadas pela urina, pois são excessivas”, afirma ele. E, segundo o colunista, essas vitaminas não eliminadas não apareciam no fundo de uma fossa séptica.

“O ex-médico da NASA, lembra uma declaração jacosa, feita a propósito do uso desnecessário de vitaminas. O consumo excessivo do produto, pelos norte-americanos, tê-los-ia tornado possuidores da urina mais rica e mais cara do mundo.

“O Dr. Lamb não discorda do fato de que as pessoas precisam de quantidades adequadas de vitaminas. “Apenas, como eu já disse muitas vezes, escreve ele, prefiro que as pessoas obtenham essas vitaminas através de uma alimentação sadia, que inclua as vitaminas em seu estado natural”.

O texto acima foi publicado na revista “Vida e Saúde” (n.º 8 — agosto, 1984), sob o título “Vitaminas Indissolúveis”. Para comentá-lo nada melhor que o elucidativo texto do Dr. David Castro “Homeopatia e Fortificantes”, que transcrevemos abaixo:

Homeopatia e Fortificantes

David Castro

Em um de nossos primeiros livros (1944) apresentamos um artigo sobre a Homeopatia e os fortificantes. Nossa opinião, decorridos mais de quarenta anos, continua a mesma, isto é, no método homeopático não há lugar para os fortificantes, tão desejados pela grande maioria dos doentes, especialmente pelas mães, que os desejam para seus filhos, e tão gratificante para a indústria farmacêutica.

O melhor fortificante para quem está doente é o seu medicamento, o medicamento mais semelhante a ele, que se tornará seu remédio. Não há necessidade de dar fósforo para o cérebro, ferro para o sangue, cálcio para os ossos, etc. Do mesmo modo, como já escrevemos, não devem ser tomadas as vitaminazinhas.

O fortificante é um intruso no organismo das pessoas. É nitidamente, uma concepção da escola oficial, aproveitada pela indústria farmacêutica, totalmente equivocada, completamente errada. Já se foi o tempo em que era obrigatório o uso do cálcio na veia e vitamina C para tratar e evitar a gripe e resfriados. O ferro, em dose maciça,

não fez aparecer mais sangue e o fósforo não dá mais inteligência, nem aumenta a memória de quem quer que seja, especialmente nas doses recomendadas pelos alopatas.

Na homeopatia, aqueles medicamentos são empregados, em doses imponderáveis, nos casos indicados. Há, entretanto, alguns medicamentos de uso empírico que são empregados em tintura-mãe. São os medicamentos chamados menores. Mas, mesmo que isso aconteça, raramente são prejudiciais, não intoxicam, nem apresentam efeitos colaterais, não havendo contra-indicação.

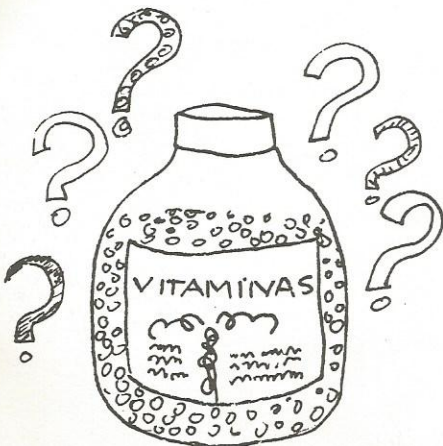
É por isso que, quando solicitado a prescrever um fortificante para abrir o apetite sempre respondemos que, como homeopata, não conhecemos qualquer tônico ou fortificante. E, quando pedem com insistência, indicamos o uso de uma “chave” que “abre” qualquer coisa, até apetite, pois!

“ENSINO NÃO DESENVOLVE CRIANÇA, CONCLUI PESQUISA”

Nossa Revista tem dedicado em todos seus números um espaço especial à educação, dada sua profunda importância no desenvolvimento do ser humano. Cremos que sob este aspecto, Piaget tem importância capital e muito temos que aprender com sua obra, que vem sendo introduzida no Brasil graças aos trabalhos do educador Lauro de Oliveira Lima, que deverá ser motivo de artigo em próximo número de nossa Revista. Por ora, transcrevemos importante artigo publicado em “O Estado de S. Paulo em 29 de julho de 1984, para que nosso leitor tenha uma idéia da situação lamentável em que se encontra o ensino em nosso País.

“Não é o ensino e o conteúdo ministrado na escola que leva as crianças a se desenvolver, e sim o convívio com outras crianças da mesma idade e de origens sócio-econômico-culturais diferentes. Crianças educadas em ambiente escolar demasiadamente homogêneo, como acontece nos colégios altamente elitizados, não apresentam o mesmo desenvolvimento, apesar da idéia generalizada de que as melhores cabeças se formam nos colégios sofisticados e caros. Uma escola pública carente, mas criativa e democrática na seleção de seus alunos, consegue excelentes resultados.

“Isso tudo não é teoria, mas resultado de uma pesquisa feita pela so-



INSA IMPRENSA INSA IMP

cióloga Bárbara Freitag na periferia de São Paulo. O estudo levou sete anos de observação e aplicação de uma bateria de testes piagetianos e pegou como amostra crianças de seis a nove anos de escolas localizadas ao sul de Santo Amaro, na Penha e no Brooklin, com uma grande representação de migrantes nordestinos. Com essa pesquisa apresentada no II Congresso Piagetiano recentemente realizado no Rio, ela desmitifica a velha teoria de que as crianças pobres já nascem condenadas a render menos na escola do que as ricas, mostrando que o potencial infantil independe do seu contexto social.

"... mostraram que o quadro do ensino pré-escolar no Brasil é sombrio, apesar das grandes conquistas dos últimos anos. Vários participantes (do Congresso) falaram de sua apreensão com a alfabetização precoce, hoje largamente utilizada no País, e com a exigência do "vestibulinho", testes aplicados em crianças de seis anos, como condição para matrícula.

"Para o coordenador-geral dos encontros, educador Lauro de Oliveira Lima, a situação do ensino no Brasil "nunca esteve pior". Ele acha que os métodos em uso precisam ser renovados, de modo que a escola da memória seja substituída pela escola da inteligência — e a escola da competição, pela escola da comparação.

"Mesmo Bárbara Freitag... se surpreendeu com alguns resultados do trabalho feito na periferia paulista. Ela sempre manifestou curiosidade em saber até que ponto a escolarização da criança reforça o seu desenvolvimento psicogenético e até que ponto a não-escolarização perturbaria esse mesmo desenvolvimento. Escolheu para seu trabalho de campo os bairros operários, os de classe média-média e os de classe média-baixa. Pegou um grupo de 206 crianças, das quais 32 eram analfabetas. Dessas, faziam parte grupos de 12 a 16 anos de uma favela situada entre Itaquera e Vila Prudente. Tinha, portanto, um quadro social, étnico, cultural e econômico bem diversificado. Aplicados os testes, feitas as centenas de entrevistas, ela constatou que as crianças apresentavam a mesma *performance*, independentemente de sua origem social.

"... Se houver uma escolarização plena, explica Bárbara Freitag, as crianças se desenvolvem da mesma forma, tanto ao nível da capacidade lógica quanto do lingüístico e do relacionamento social. Ou seja, não é o ensino e o conteúdo ministrado na escola que fazem a criança desenvolver-se, mas o fato de ela estar numa escola onde pode conviver com grupos

diferentes do seu, isso tanto do ponto de vista cultural, familiar e religioso".

"Segundo a socióloga, isso mostra a imensa defasagem que há entre aquilo que a escola dá e aquilo que ela realmente deveria fornecer ao aluno para desenvolvê-lo. "Criou-se o mito de que a escola pública não desenvolve a criança, por ser uma instituição geralmente carente de tudo. Mas nossas escolas particulares são elitizadas. Obrigam o aluno a saber qual o lugar da crase, mas não se preocupam com a linguagem. Preferem treinar para o vestibular e não para a vida. Já a escola pública, apesar de suas deficiências, é um fator de socialização, mais do que as particulares".

"Com a experiência que tem no campo da educação, Bárbara Freitag chegou à conclusão de que a teoria piagetiana ainda não entrou nas escolas brasileiras.

Embora não tenha sido esse o tema principal dos dois encontros (Congressos Piagetianos), discutiu-se muito nelas a questão da alfabetização precoce, hoje uma prática rotineira na grande maioria das escolas privadas do País. Muitos educadores não esconderam sua preocupação por essa prática que alguns chamam de "criminososa e que pode produzir danos irreversíveis ao desenvolvimento emocional da criança".

"NITERÓI TERÁ HOMEOPATAS NA SAÚDE"

Foi com muito prazer que lemos na edição de O Globo de 26-6-84, a notícia em epígrafe. "O Prefeito de Niterói, Waldenir Bragança" e o Presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil (IHB), Dr. Alberto Soares de Meirelles, assinaram ontem (25-6-84) um protocolo de intenções, através do qual o IHB designará médicos homeopatas estagiários para atender à população de Niterói, nas dez unidades municipais de saúde. Esses médicos, segundo Waldenir Bragança, não receberão qualquer remuneração da Prefeitura.

"A experiência de atendimento feito por homeopatas em unidades de saúde públicas é realizada com êxito, desde novembro passado na unidade de Morro do Estado, onde dois médicos homeopatas atendem em média a seis pessoas por dia, em quatro horas de trabalho.

"Os médicos homeopatas do Estado do Rio — são formados cerca de cem por ano — atendem gratuitamente no Hospital da Universidade UNIRio e no ambulatório do IHB, na Rua Frei Caneca. O Presidente do IHB destacou a importância do convênio

com a Prefeitura de Niterói:

"— É uma abertura extraordinária para o desenvolvimento da Homeopatia, que sofreu um grande progresso a partir de 1977, três anos antes de ser reconhecida oficialmente como especialidade médica".

Parabenizamo-nos com o IHB, na pessoa de seu Presidente, e esperamos que o exemplo dado pela Prefeitura de Niterói seja seguido, no sentido de desenvolver-se a Homeopatia no Brasil levando-a às populações mais carentes.

NOTA BREVE

"Doenças Crônicas — O Dr. Joseph Beasley, autor do relatório "The impact of Nutrition on the Health of Americans" diz que os Estados Unidos estão sendo invadidos por uma epidemia de doença crônica. Se o mal está presente continuar a acelerar-se neste ritmo nos próximos 20 anos, prediz o relatório, "a sociedade americana enfrentará grave dano em sua vitalidade econômica, política, social, religiosa e cultural". Segundo Beasley essa situação é decorrência de maus hábitos alimentares, os aditivos químicos venenosos do ar, água, solo, alimentação e local de trabalho".

(Publicado em O Estado de S. Paulo, 11 de maio de 1984).